

FIBRAS ARTIFICIAIS E SINTÉTICAS

Luiz Lauro Romero
Jayme Otacílio W. M. Vieira
Luiz Alberto R. de Medeiros
Renato Francisco Martins*

**Respectivamente, gerente, analista de sistemas, engenheiro e contador da Gerência Setorial de Bens de Consumo Não-Duráveis do BNDES.*

TÊXTEL

As fibras químicas podem ser divididas em: *artificiais*, produzidas a partir da celulose (dai serem **também** conhecidas por fibras *celulósicas*), substância fibrosa encontrada na pasta de madeira ou no línter de **algodão**, fibra curta restante na semente do algodão após o descaroçamento e que foi a primeira fonte de celulose purificada (neste grupo das fibras artificiais temos basicamente o **raiom** viscose e o **raiom** acetato); e sintéticas, que **são** o acrílico, o náilon, o **poliéster**, o polipropileno e a fibra elastomérica, originárias da petroquímica.

As fibras químicas foram desenvolvidas inicialmente com o objetivo de copiar e melhorar as características e propriedades das fibras naturais. A medida que suas aplicações foram se desenvolvendo, elas se tornaram uma necessidade, principalmente porque o crescimento da **população** mundial passou a demandar vestuários confeccionados com rapidez e a um custo mais baixo, reduzindo, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade da indústria têxtil às eventuais dificuldades da produção agrícola.

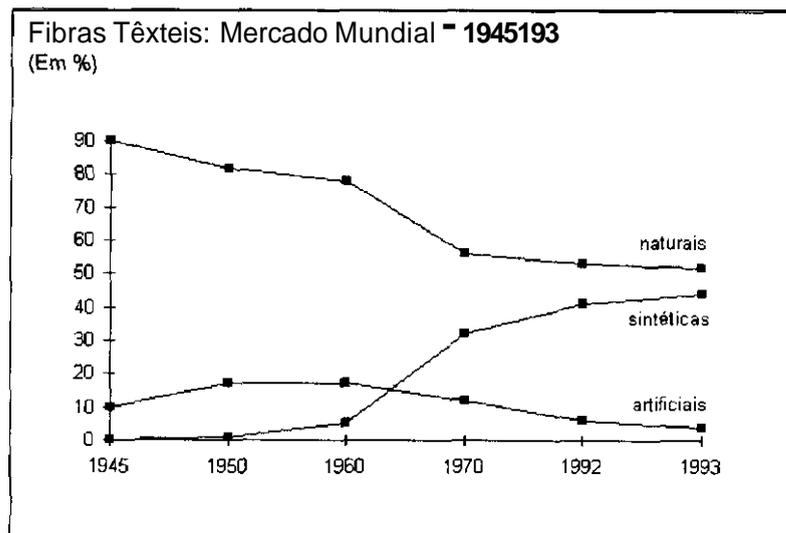
Nenhuma fibra isoladamente, seja química ou natural, preenche todas as necessidades da indústria têxtil, mas a mistura de ambas, notadamente o **algodão**, proporciona melhor desempenho, resistência, durabilidade e **apresentação**.

As fibras artificiais foram introduzidas no Brasil quase simultaneamente ao seu aparecimento no exterior. As empresas que se dedicaram à sua produção tiveram um **rápido** crescimento, favorecidas pela abundância de línter de **algodão** (matéria-prima para a produção de viscose), **mão-de-obra** barata e baixo custo da energia elétrica. A **produção** em escala comercial começou em 1931, através da Companhia Brasileira Rhodiá (atual Rhodia), com o filamento têxtil de acetato.

Após a Segunda Guerra Mundial surgiu um novo tipo de fibra, a sintética, de origem petroquímica, promovendo intensa concorrência com as fibras artificiais. Em decorrência do contínuo desenvolvimento tecnológico observado em sua **produção**, as fibras sintéticas vêm gradativamente deslocando do mercado as fibras artificiais.

Em 1955, as fibras sintéticas começaram a ser produzidas no Brasil pela Rhodia e, a partir da década de **60**, tiveram um crescimento constante, até superarem as artificiais, cujo desenvolvimento havia estagnado, tanto em produção quanto em consumo.

Conforme podemos observar no gráfico adiante, as fibras químicas, primeiramente as artificiais e, em seguida, as sintéticas, vieram progressivamente deslocando do mercado as fibras naturais. A nível mundial, em 1993, as fibras químicas e as naturais praticamente dividiam o mercado em partes iguais, com pequena predominância das segundas, cabendo ainda registrar a progressiva substituição das fibras artificiais pelas sintéticas.



Desde sua introdução no Brasil, principalmente a partir da década de 60, a produção e o consumo das fibras artificiais e sintéticas têm sido crescentes. Saindo de 8,2% sobre o total de fibras em 1963 para 21,7% no começo dos anos 70 até alcançar cerca de 30% nos dias de hoje, o consumo tem sido, portanto, inferior à média mundial, dado que opais, por motivos culturais e climáticos, é grande consumidor de tecidos de algodão.

Observe-se que a utilização das fibras químicas na indústria têxtil tende a crescer a longo prazo, segundo empresários e estudiosos do setor, em razão, basicamente, das incertezas inerentes à produção das fibras naturais (algodão e linho, principalmente), sujeitas a variações climáticas, de safra, de preços etc., e dos aperfeiçoamentos obtidos na produção de fibras sintéticas, que as tornam cada vez mais próximas das naturais.

**Aspectos
Técnicos
Características e
Usos das Fibras
Químicas**

As fibras químicas podem ser apresentadas sob três formas distintas, destinadas a usos também distintos: monofilamento, que, como o próprio nome indica, é um único filamento contínuo; multifilamento, que é a união de pelo menos dois monofilamentos contínuos, unidos paralelamente por torção; e fibra cortada, que é o resultado do seccionamento, em tamanhos determinados, de um grande feixe de filamentos contínuos. A fibra cortada pode ser fiada

nos mesmos **filatórios** utilizados para fiar **algodão** e, além disso, se presta à mistura com as fibras naturais já na fiação, permitindo a chamada mistura íntima, ou seja, os fios mistos produzidos adquirem uma mescla das características de **resistência** e durabilidade das fibras químicas e do toque e conforto das fibras naturais.

Os fios produzidos com a fibra cortada **são** também mais volumosos do que os filamentos contínuos do mesmo peso, o que possibilita seu uso na produção de tecidos com **superfícies não-lisas**. Esta característica, aliada à maior facilidade de manuseio da fibra cortada em relação ao filamento contínuo, faz com que os fios fiados sejam mais utilizados do que os filamentos contínuos, existindo inclusive fibras (como, por exemplo, o acrílico) em que raramente se utilizam filamentos contínuos na **produção** de artigos **têxteis**.

Recentemente foi desenvolvida uma nova variedade de fibra sintética, a microfibr, que surgiu no mercado por volta de 1990. Produzida a partir de acrílico, **poliéster** ou náilon, ela se caracteriza por filamentos extremamente delgados e é utilizada na forma de fios multifilamentos. As características das microfibras permitem a fabricação de tecidos leves e de toque bem mais agradável do que aqueles produzidos com fios ou filamentos artificiais ou sintéticos. Cabe registrar que já **está** desenvolvida, a nível de laboratório, a micro-micro fibra, ainda não **lançada** no mercado devido ao seu alto custo.

As principais fibras artificiais de base celulósica são o **raio acetato** e o **raio viscose** (ou, simplesmente, viscose), sendo esta última a mais importante do ponto de vista **têxtil**.

Raio Acetato – O consumo do raio acetato é reduzido, especialmente no caso de aplicações têxteis. Embora apresentando características gerais similares às da **viscose**, não reage bem aos processos normais de tingimento, exigindo a **utilização** de técnicas especiais. Suas maiores **aplicações** estão na produção de filtros para cigarros, rendas, cetins e material de estofamento.

Raio Viscose – Os fios e fibras de **viscose** são semelhantes ao algodão em **absorção** de umidade e resistência à **tração**, apresentando toque suave e macio e caimento comparável ao do algodão. A viscose pode ser utilizada pura ou em **combinação** com outras fibras, nas mais diferentes proporções e tipos de misturas, e os tecidos com ela produzidos atingem todos os segmentos do mercado **têxtil**. Embora os tecidos de **viscose** sejam bastante requisitados por confecções de moda, a produção destas fibras **não** tem grandes perspectivas de crescimento a nível mundial, em **razão** dos altos custos ambientais inerentes à sua produção.

Principais Fibras Químicas e Seus Usos

Fibras Artificiais

Fibras Sintéticas

As fibras sintéticas **são** produzidas a partir de resinas derivadas do **petróleo**. As de maior interesse **têxtil são**, em ordem de quantidades consumidas, o poliéster, o polipropileno, o náilon e o acrílico. Existe ainda uma outra classe de fibras, os elastanos, de características bastante peculiares.

Poliéster – Fibra sintética de maior consumo no setor **têxtil**, representa pouco **mais de 50%** da demanda total de fibras químicas, podendo ser utilizada pura ou em mistura com **algodão, viscose, náilon, linho ou lã**, em proporções variadas. É a mais barata das fibras **têxteis**, sejam químicas ou naturais, apresenta elevada **resistência** à umidade e aos agentes químicos (ácidos e álcalis), é **não-alérgica** e possui grande resistência à tração. A **adição** de 10% dessa fibra ao **algodão** resulta em um aumento de **8%** na **resistência** do fio, permitindo significativo acréscimo na velocidade do processo **têxtil**, o que se traduz em maior produtividade.

Polipropileno – Do ponto de vista da indústria **têxtil** para vestuário e uso doméstico, o polipropileno **não é** uma fibra **importante**, mas é muito utilizada na produção de sacarias, proporcionando excelente isolamento e **proteção** aos produtos assim acondicionados. Tem também aplicações em forrações de interiores e exteriores, na **fabricação** de feltros e de estofamentos.

Náilon (ou Poliamida) – Primeira fibra sintética a ser produzida industrialmente, o **náilon**, entre outras qualidades, apresenta uma elevada resistência mecânica (cerca de 3,5 vezes superior ao algodão), o que o torna adequado à **fabricação** de dispositivos de segurança (cintos de segurança etc.). Outras características são a sua baixa absorção de umidade, a possibilidade de **texturização**¹ e a boa **aceitação** de acabamentos **têxteis**. A principal utilização do náilon na área **têxtil** se dá na fabricação de tecidos de malha apropriados para a confecção de meias, roupas de banho (maiôs, sungas), moda íntima (*lingerie*) e artigos esportivos.

Acrílico – Embora sendo a menos consumida dentre as fibras químicas **têxteis**, o acrílico, por suas características, ocupa espaço **próprio** no setor de confeccionados **têxteis** como o melhor substituto da **lã**. É um produto "quente" (bom isolante térmico) e leve, muito resistente à **ação** dos raios solares (radiação ultravioleta) e aos agentes químicos. Tem larga **aplicação** na **fabricação** de artigos de inverno: agasalhos em geral, meias, gorros, cobertores, mantas e tecidos felpudos.

¹ Tipo de tratamento, que produz um enrugamento ou sanfonamento permanente das fibras, aumentando-lhes o volume aparente, e que resulta em fios e tecidos mais macios, com melhor "toque", aparência e elasticidade.

Elastanos – A função destas fibras é conferir elasticidade aos tecidos convencionais (de malha ou planos), o que permite confeccionar **peças** de vestuário que aderem ao corpo, **acompanhando-lhe** as formas sem tolher os movimentos. Essa característica as torna particularmente apropriadas à **confecção** de roupas de praia, peças femininas, esportivas e íntimas, meias e artigos para aplicações médicas e estéticas. As fibras elastoméricas possuem grande

elasticidade (podem atingir até cinco vezes seu tamanho normal sem se romperem) e sua utilização se faz sempre em **combinação** com outras fibras convencionais, em proporções que variam entre 5% e 20%.

O consumo geral de fibras **têxteis** no mundo foi, em 1993, da ordem de 41,5 milhdes de t, das quais 21,5 milhdes de fibras naturais (**algodão**, lã, linho, rami, seda) e o restante (20 milhões) de fibras artificiais e sintéticas. Estas quantidades, avaliadas percentualmente, mostram que atualmente o mercado está praticamente dividido meio a meio **entre** as fibras naturais, onde o algodão predomina absoluto (com 80% do consumo), e as não-naturais, onde predominam as **sintéticas** em geral (com 91%) e, dentre estas, o poliéster detém 59%.

As estimativas disponíveis apontam para um crescimento da demanda por fibras químicas da ordem de 35% nos próximos seis anos, a nível mundial, conforme demonstrado na Tabela 1, onde se pode **observar** que a fibra com **tendência** a apresentar maior crescimento de consumo é o poliéster, devido ao seu baixo custo e aos melhoramentos **tecnológicos** que fazem com que esta fibra se assemelhe cada vez mais ao **algodão**. É previsto um crescimento razoável para o náilon, que ainda é insubstituível para certas **aplicações** (*lingerie*, por exemplo). O acrílico tende a ter crescimento menor do que as outras fibras citadas, em razão basicamente de seu uso limitado e seus maiores custos de produção.

Tabela 1
Fibras Químicas: Demanda Projetada
(Em Milhões de t)

	1994	2001	VARIAÇÃO %
Poliéster	11,23	16,18	44
Poliamida (Náilon)	3,87	4,72	22
Acrílico	2,45	2,84	16
Total	17,55	23,74	35

Fonte: *Tecnon Consulting Group, The changing structures of world fibre intermediates markets.*

Em 1994, para uma demanda de 20,68 milhdes de t de fibras sintéticas, havia uma capacidade instalada de 22,27 milhões, o que representa uma taxa de ocupação de quase 93%, mostrando que o setor trabalhava, em termos globais, bem próximo da capacidade total de produção.

Aspectos Econômicos As Fibras Mais Produzidas

Mercado Internacional

A estrutura da produção mundial de fibras ~~têxteis~~ sintéticas vem sofrendo modificações substanciais, registrando-se um deslocamento dos novos investimentos para os países **asiáticos** (China, Índia, Indonésia, Coréia, Tailândia e Taiwan), além de Brasil e México. Em 1986, o Sudeste asiático participava com 35% da produção mundial, sendo o Japão o maior produtor. Atualmente, este percentual já atinge 47%, com queda na participação relativa do **Japão**, enquanto as economias em desenvolvimento, como um todo, **detêm 53,3%** da capacidade total instalada.

A **transferência** da indústria de fibras sintéticas para alguns países em desenvolvimento ocasionou diferenças nos custos de produção, e estes, por sua vez, estimularam a competição por preços. O impacto dessas diferenças depende do produto e da região.

Segundo dados da United Nations Industrial Development Organization (Unido), as matérias-primas e a mão-de-obra juntas representam pouco mais de **64%** dos custos totais de produção nos países desenvolvidos e cerca de **55%** naqueles em desenvolvimento, que se beneficiam do menor custo da mão-de-obra.

A razão pela qual o custo de mão-de-obra sozinho não determina o preço das fibras é que o processo de produção é intensivo em capital e não em mão-de-obra. Assim, o nível de emprego na indústria de fibras sintéticas é relativamente pequeno e vem sendo reduzido em muitos países, inclusive no Brasil. Apesar dessa **tendência**, a indústria vem crescendo, graças aos aumentos de produtividade e a novas tecnologias.

Verifica-se também, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, um movimento de fusões e incorporações, o que denota um processo de concentração na indústria e visa dar melhores condições de competitividade, via escala de produção, às empresas do mundo desenvolvido. Exemplos significativos foram as aquisições da Enka pela Basf (Alemanha) e da **Sarwel** Courtaulds (Inglaterra) pela **Toray** (Japão), bem como as fusões da Du Pont com a ICI e da Rhône-Poulenc com a Snia (Itália).

As empresas líderes mundiais na fabricação de fibras sintéticas nos países desenvolvidos são grandes multinacionais, que também estão presentes, com interesses e participações (filiais), nos países em desenvolvimento, onde as **matérias-primas** para a **produção** são **frequentemente** obtidas de empresas coligadas. Quase todas as novas plantas, tanto para fibras quanto para **matérias-primas**, empregam **tecnologia** adquirida dos países do Hemisfério **Norte**.

Entre as maiores produtoras mundiais estão a Du Pont e a Monsanto Chemical nos Estados Unidos, a Toray Industries no Japão, a Montefibre Enimont na Itália, a Hoechst A. G. na Alemanha, a Rhône-Poulenc (Rhodia) na França e a Hanil Synthetic Fiber na

Coréia. Nos países em desenvolvimento, as maiores produtoras são as estatais chinesas Far Eastern Textile e Nan Ya Plastics Corporation, ambas em Taiwan, e a empresa Fibras Sintéticas, no México.

A estrutura produtiva do mercado brasileiro de fibras sintéticas é similar à existente no resto do mundo, com um pequeno número de ofertantes. As principais empresas são, em geral, filiais dos grandes produtores mundiais.

A capacidade de produção do país praticamente não evoluiu no período 1989-1993. A receita interna bruta da indústria, que em 1989 alcançou US\$ 1,6 bilhão, regrediu nos dois anos seguintes para US\$ 1,2 bilhão, uma queda de 25%. Nos anos posteriores, evoluiu para US\$ 1,3 bilhão em 1992 e US\$ 1,4 bilhão em 1993. Como consequência, os investimentos no setor foram muito reduzidos, e a capacidade de produção, neste período, não se alterou.

Entre 1990 e 1993, em razão de programas de modernização empreendidos por quase todas as empresas, a produtividade por empregado aumentou: em 1990 a produção era de 274.157t e o número de empregos diretos de 17.393, enquanto em 1993 a produção aumentou para 302.204 t e o número de empregos foi reduzido para 13.310.

A Tabela 2 mostra a produção e o consumo aparente no Brasil das principais fibras químicas de uso têxtil em 1993 (em t/ano). O consumo de 332.879 t representou aproximadamente 29% do consumo total de fibras têxteis no Brasil, que foi de cerca de 1.150.000t naquele ano.

Em 1993 havia ainda capacidade ociosa na indústria, dado que a ocupação média foi da ordem de 77%, embora o consumo aparente tenha sido da ordem de 84%, sendo a diferença coberta pelas importações, que vêm aumentando nos últimos anos em razão da redução tarifária.

A exemplo do observado no resto do mundo, a fibra química mais consumida no Brasil é o poliéster (49% do consumo aparente), seguida pelo náilon (23%) e pela viscose (15%). O acrílico em nosso país não tem um consumo elevado, em razão de fatores climáticos.

O alto consumo de poliéster deve-se basicamente ao seu baixo custo, pois pode ser vendido a preços bem mais baixos do que seus principais concorrentes, o náilon e a viscose. As fibras elastoméricas são de custo elevado e entram em proporções reduzidas nas misturas com outras fibras. A única produtora destas fibras no Brasil é a Du Pont, que as comercializa com o nome Lycra, conhecido no mundo inteiro. A Tabela 3 mostra os preços no mercado interno (sem ICMS) de algumas fibras químicas, em março de 1995.

Mercado Interno

Tabela 2

Fibras Químicas: Desempenho da Indústria em 1993

(Em t)

PRODUTO	CAPACIDADE INSTALADA	PRODUÇÃO	VENDAS NO MERCADO INTERNO	VENDAS INTERNAS PARA EXPORTAÇÃO	EXPORTAÇÕES DIRETAS	IMPORTAÇÕES	CONSUMO APARENTE
Fibras Artificiais	75.420	67.793	53.671	566	9.027	10.314	69.080
Raiom Viscose	61.920	56.758	43.847	5	9.001	2.528	50.285
Raiom Acetato	13.500	11.035	9.824	561	26	7.786	18.795
Fibras Sintéticas	318.060	234.411	215.182	4.454	12.242	41.630	263.799
Náilon	104.220	67.471	64.051	146	1.911	10.660	76.220
Poliéster	177.240	143.360	129.144	2.714	9.093	27.960	162.227
Acrílico	36.600	23.580	21.987	1.594	1.238	3.010	25.352
Total	393.480	302.204	268.853	5.020	21.269	51.944	332.879

Fonte: Associação Brasileira de Produtores de Fibras Artificiais e Sintéticas (Abrafas).

Obs.: 1) a produção de elastanos não foi informada pela única empresa produtora; 2) o polietileno não consta da tabela porque não é considerado, a rigor, fibra de uso têxtil.

Tabela 3

Preços no Mercado Interno de Algumas Fibras Químicas - Março de 1995

(Em US\$)

FIBRA	PREÇO POR KG
Poliéster	1,80 a 2,20
Viscose	2,40
Acrílico	2,40
Filamento de Poliéster Texturizado	2,96 a 3,20
Náilon	4,47
Filamento de Náilon 6.6	10,50
Elastano	15,00 a 100,00

Fonte: Informações das empresas.

Estrutura da Indústria

A oferta de cada uma das fibras químicas no Brasil é concentrada em poucas empresas, sendo os principais produtores nacionais os seguintes, por fibra:

Filamentos de poliéster – O Brasil produziu cerca de 70 mil t de filamento de poliéster em 1993, sendo 59 mil para uso na indústria têxtil. Os principais fabricantes brasileiros são: Polienka, do Grupo Akzo (com aproximadamente 31% do total), Rhodia, do Grupo Rhône-Poulenc (21%), Hoechst (20%) e Fibra (20%), com os restantes 8% provenientes de importações.

Fibras de poliéster – A produção brasileira de **fibras** cortadas de **poliéster** foi **também** da ordem de 70 mil t em 1993. Há somente dois produtores: a Rhodia-Ster (Rhodia x Celbrás), com 50% do mercado, e a Polifiatex, com 30%. As importações **têm** aumentado muito e já alcançam cerca de 20% do consumo interno, que foi estimado pelas empresas em 100 mil t em 1994.

Filamentos de **raiom viscose** – O Brasil produziu 13 mil t de filamentos de **viscose** para usos **têxteis** em **1993**. Os principais produtores nacionais são a Nitroquímica (75% da produção) e a Fibra, do Grupo Vicunha (25%). As **importações** tem sido muito pequenas.

Fibras de **viscose** – Em 1993 foram fabricadas no Brasil cerca de 43 mil t de fibras cortadas de **viscose**, sendo os únicos produtores a Fibra (75% da produção) e a Rhodia-Ster (25%). O Brasil tem sido exportador líquido deste tipo de fibra.

Fibras e filamentos de náilon – O país produziu cerca de 43 mil t de filamentos de náilon e 4 mil t de fibras de náilon em 1993. Os produtores **são** a Fibra Dupont (45%) e a Rhodia (50%), havendo ainda fábricas menores que produzem para uso cativo (De **Millus**, Juosas, Banilza). A partir do segundo semestre de 1994, o consumo cresceu muito, estimando-se que a demanda brasileira em 1995 venha a ser da ordem de 50 mil t de filamentos e 10 mil t de fibras, com **importações** totais entre 5 mil t e 10 mil t.

Fibras de acrílico – A produção brasileira de fibra acrílica em 1993 foi da ordem de 23 mil t, sendo a atual capacidade produtiva (36 mil t) dividida, grosso modo, entre a Rhodia-Ster e a Polifiatex.

Elastano – Não há estimativas da capacidade de produção brasileira de elastanos, uma vez que a única empresa produtora no país, a Du Pont, tem como **estratégia** não divulgar este dado. **Supõe-se** que o consumo em 1995 deva se situar entre 4 mil e 7 mil t, sendo 70% pelo menos supridos pela lycrada Du Pont e o restante por importações.

A estrutura da indústria de fibras químicas é bastante concentrada, e a maioria das empresas faz parte de grupos **multina**-cionais, o que lhes confere um forte poder de **negociação** no mercado, embora esteja havendo, com a diminuição de tarifas, aumento da **conforrência** das fibras importadas. Observa-se **também** no Brasil e no Mercosul um movimento de concentração na indústria, como provam as recentes fusões da Fibra (Brasil) com a Du Pont (Argentina), criando a Fibra Du Pont para a produção de náilon, e da Rhodia com a Celbrás (ambas **sediadas** no Brasil), criando a Rhodia-Ster para a produção de **poliéster** e acrílico. Cabe ainda destacar que, por exigência do Cade, a Rhodia-Ster cindiu-se, cedendo parte de suas instalações para a criação da Polifiatex, empresa que está à

venda e deverá concorrer com a Rhodia-Ster nos seus mercados de atuação.

Um resumo do perfil das principais empresas produtoras de fibras químicas no Brasil é apresentado a seguir:

Rhodia – A empresa pertence ao grupo francês Rhône-Poulenc, que possui fábricas instaladas em diversos países. No Brasil, são 22 unidades nas áreas têxtil, química, de remédios e agrícola, com faturamento anual em filamentos têxteis e industriais da ordem de US\$ 220 milhdes. O grupo conta com cerca de 6.500 empregados, devendo faturar em 1995 no Brasil cerca de US\$ 1,4 bilhão.

Rhodia-Ster – A empresa foi fundada em 1994, emprega cerca de 2.300 pessoas e seu faturamento deverá atingir US\$ 450 milhdes em 1995, com as vendas fortemente concentradas no mercado interno.

Du Pont – O grupo tem um faturamento, em termos mundiais, da ordem de US\$ 40 bilhdes, abrangendo atividades petrolíferas (US\$ 16 bilhdes) e químicas (US\$ 24 bilhdes, dos quais US\$ 8 bilhões referentes à parte têxtil). No Brasil, a empresa é uma sociedade anônima de capital fechado, emprega cerca de três mil pessoas e seu faturamento na área têxtil deve alcançar US\$ 144 milhões em 1995.

Polifiatex – A empresa foi criada em 1994 e está à venda, por exigência do Cade, já que, com a fusão da Rhodia com a Celbrás, a nova empresa (Rhodia-Ster) teria o monopólio da produção e o controle do mercado de fibra cortada de polibster e de fibra acrílica.

Fibra – Situada no município de Americana (SP), a empresa integra o Grupo Vicunha, atua nos mercados interno e externo, exportando principalmente fibra de viscose quando há queda nos preços internos, e tem faturamento anual da ordem de US\$ 220 milhdes.

Fibra Du Pont – Associação efetuada em 1994 entre a Du Pont (25%) e a Fibra (75%), a empresa tem uma unidade na Argentina e duas em Americana (SP), todas produzindo náilon dos tipos 6 e 6.6. Seu faturamento é de aproximadamente US\$ 150 milhões anuais.

Hoechst – O grupo, de origem alemã, é um dos maiores do mundo na indústria química e o maior na produção de polibster. Seu faturamento anual é da ordem de US\$ 30 bilhdes, 20% dos quais são obtidos na área têxtil. No Brasil, a empresa atua nos setores de produtos farmacêuticos, químicos e fibras. Seu faturamento global, em 1994, foi da ordem de US\$ 775 milhdes, dos quais US\$ 124 milhões referentes à área têxtil.

A partir da implantação do Plano Real, houve **reaquecimento** da demanda de fibras **têxteis** no Brasil. A capacidade de produção, que vinha apresentando razoável nível de ociosidade até 1993, fechou o ano de 1994 completamente tomada, com crescimento do faturamento e melhorados resultados das empresas do setor. Registre-se ainda que no ano passado houve expressivo aumento das importações, **situação** que se **mantém** no primeiro trimestre de 1995.

Vale destacar que, segundo fabricantes e clientes, os preços dos produtos nacionais **são**, em média, cerca de 10% superiores aos dos produtos similares importados com a alíquota média de 16% vigente em março de 1995. Isto pode ocorrer por dois motivos: a) nossa indústria ainda **não** atingiu o nível de **competitividade** das melhores empresas estrangeiras; e/ou b) dada a **estrutura** relativamente concentrada da oferta, os fabricantes estabelecem seus preços em patamares em que não seja compensador substituir os produtos nacionais por importados.

O advento do Mercosul é positivo para as empresas instaladas no Brasil, uma vez que a oferta de fibras químicas na Argentina, no Uruguai e no Paraguai é muito pequena e o mercado naqueles países, embora sensivelmente menor do que o brasileiro, está em crescimento e é suprido por importações.

Dado o aumento da demanda interna no Brasil, os investimentos em **expansão** de capacidade já **estão** sendo retomados, principalmente para a produção das fibras que têm maior perspectiva de crescimento da demanda, como é o caso do poliéster, onde hoje há escassez de oferta, tanto no mercado interno como no mercado internacional. Tal escassez se deve ao deslocamento da produção de PTA (**matéria-prima** usada na **fabricação** destas fibras) para a de PET (utilizado basicamente em embalagens, onde a **remuneração** é maior).

Existem, hoje, projetos de expansão da capacidade de **produção** de náilon, **viscose** e elastano, indicando que os empresários do setor **estão** acreditando na retomada da atividade **econômica** do país e que a produção e o consumo de fibras artificiais e **sintéticas** no Brasil **poderão** atingir, no final desta década, os níveis percentuais verificados em economias mais desenvolvidas.

É importante que haja intenção de investir em expansão da capacidade e **melhoria** da competitividade por parte de nossa indústria de fibras químicas. Tal indústria, embora ainda pequena em termos mundiais – a **produção** brasileira representa cerca de 1,5% da **produção** mundial –, é a maior da América Latina, sendo composta por importantes grupos e possuindo todas as **condições** de se alinhar entre as mais **produtivas** do mundo.

Alguns dos projetos citados **estão** em exame no BNDES, que deverá se constituir em importante fonte de financiamentos para o setor de fibras químicas. **Observe-se** que o Banco nos últimos anos tem apoiado o segmento, restringindo seu apoio a empresas de controle nacional como Nitroquímica, Fibra e **Celbrás**. Atualmente, com a possibilidade de apoio a empresas de controle estrangeiro, espera-se que outras empresas do setor procurem o BNDES para apoio a seus novos projetos.